



CORPO E LINGUAGEM NA CONTEMPORANEIDADE

Marina Campos Oliveira¹, Tiago Cunha Furtado²

¹Universidade Federal de Minas Gerais, ninamarinaninaa@gmail.com

² Universidade Federal de Minas Gerais, 1997cftiagio@gmail.com

Resumo: Este trabalho pretende discutir o corpo e a linguagem na contemporaneidade através de uma revisão bibliográfica. Buscamos explorar no trabalho o corpo e a linguagem como co-dependentes. Conversamos também sobre a dicotomia da atualidade em que o corpo é ao mesmo tempo cultuado e rejeitado.

Palavras-chave: Corpo, Linguagem, gesto.

1. Introdução

O conceito de corpo é dependente de para quem perguntamos. Para alguns ramos do estudo, por exemplo, o da anatomia, o corpo é um conjunto de sistemas orgânicos. Neste trabalho, investigamos o corpo como linguagem, e a linguagem como corpo.

Vivemos em tempos de simultânea cultuação e negação do corpo, causando separação deste da linguagem. Com este estudo buscamos acrescentar reflexões em cima da forma que a contemporaneidade lida com o corpo e com a linguagem.

¹ Graduanda em Dança pela Universidade Federal de Minas Gerais, atualmente trabalha como professora de curso livre de dança e bailarina. Atua como bolsista do PIBID e tem interesse em relacionar Dança com Corpo, Gênero e Educação.

² Estudante aluno graduando do curso de bacharelado em filosofia da UFMG. Atualmente pesquisa teoria da crise na obra de Marx.



Consideramos relevante que nunca seja interrompida a pesquisa em cima deste assunto. Afinal, apesar de muitas vezes negligenciado, o corpo é nossa forma de estar no mundo, é essencial para nosso bem estar. Enquanto a linguagem é como interagimos com o outro, é crucial para nossa permanência na sociedade.

Neste trabalho iremos inicialmente discutir a ideia de corpo, para então falarmos sobre a separação do corpo e da linguagem e suas implicações na vida contemporânea. Por fim, concluímos com novos questionamentos que podem desencadear pesquisas futuras.

2. Metodologia

Buscamos uma análise de textos de Larrossa e Babel que problematizam o corpo e a linguagem para construção da nossa argumentação. Utilizamos método bibliográfico com levantamento de dados teóricos para a construção deste trabalho. Nos apoiamos nas ideias apresentadas a fim de explanar nossas próprias indagações sobre o tema, levantando novas questões que podem ser tratadas em pesquisa futura.

3. Corpo

É através do corpo que iniciamos nossa jornada de aprendizagem no mundo. Desde nossos primeiros anos de vida, a criança reproduz os gestos dos pais. "O gesto imitado nos liga diretamente ao corpo do imitado. E esse é um modo de aprender." (PAVINI, 2011 , p. 3).

Paviani recorre a Nietzsche para argumentar que o sentido dado ao gesto, os signos criados e a própria linguagem nascem do corpo. Entretanto, não é preciso





ir tão longe, basta observar a forma com que nosso corpo se comporta durante uma conversa, em diferentes idades e culturas.

O corpo é a nossa principal forma de interação com o mundo. Através dele ouvimos, significamos e falamos. De formas verbais e não verbais. Atualmente se defende certa dicotomia que separa o corpo e a mente, como se fossem entidades destacadas, como se o corpo não fosse mente e vice versa.

Larrosa (2004) aponta uma noção que deveria ser óbvia: não há existência humana que seja independente do corpo. O que nos faz questionar, porque a contemporaneidade insiste em tratar o corpo como um objeto malquistado?

O mesmo corpo que é celebrado também é rejeitado e obrigado a se formatar em padrões e formas encaixadas de se interagir com o meio. Esse processo chega a ser violento para o indivíduo e contribui para criação do que Larrosa chama de Sujeitos sem linguagem.

Por isso o culto do corpo do mundo contemporâneo é tão doentio como o horror ao corpo de outros tempos. Nossa obsessão pela fabricação e pela exibição do corpo também produz sujeitos sem corpo e corpos sem sujeito. (LARROSA, 2004, p.168-169)

Como mencionamos acima, a linguagem, de certa forma, nasce do corpo. É ele que atribui afeto a comunicação, e o afeto é o que torna nossa comunicação humana. O corpo guarda nossas memórias e tudo que somos, a maneira que interagimos com o mundo está registrada nele "O corpo é o livro que guarda em suas entranhas autor seu" (PAVINI, 2011, p.8-9)

4. Separação corpo-linguagem

Já que corpo e linguagem são codependentes, Larrosa (2004, p.168) propõe que "Se a negação do corpo mutila humano, essa mutilação também da





linguagem.”. O autor diz de como na história o sujeito se forma como um sujeito sem corpo; a separação corpo alma é um tema clássico da filosofia na modernidade. O sujeito sem corpo acaba se tornando também um sujeito sem língua. A língua passa a ser vista como uma mera transmissão de informações “sem sombra, sem rugas” (LARROSA, 2004, p.169).

A negação do corpo assim como a negação da língua passa por uma operação de objetificação. Só a partir do momento em que tanto o corpo quanto a língua se tornam objetos manipuláveis do sujeito que deixam de ser parte integrante deles, são negados enquanto tal, e passam a ser seus objetos. Por mais que durante séculos, sob grande influência de uma ética cristã, a objetificação do corpo se deu por meio do controle da sexualidade enquanto algo perigoso, pecaminoso, hoje, depois da revolução sexual do século XX, o corpo continua sendo objeto manipulável do sujeito mas no sentido inverso.

O culto ao belo corpo de hoje, muito ampliado pelo imperativo da venda de mercadorias, transforma o corpo de cada um em um ornamento, um objeto que pode ser ajustado para alcançar suas formas ideais. De forma semelhante, a língua hoje também se faz como objeto do sujeito, que também tem sua forma perfeita, a fala sem sotaque, a escrita impessoal.

A língua e o corpo objetificados se fazem também objetos das instituições de ensino, que disciplinam os gestos, e aplainam a fala. Larrosa (2004) identifica essa separação do sujeito do seu corpo e da sua língua, como partes independentes, como pré-requisito para formas institucionalizadas de dominação.

5. Conclusão

A partir das observações dos trabalhos já mencionados e citados anteriormente, trazemos um levantamento de temas de importância para pesquisa





futura. Como observado por Paviani (2011), as relações entre corpo, linguagem e educação são observadas mas ainda não consolidadas.

Observamos a partir da leitura de Larrosa (2004) que o corpo sem linguagem é mais suscetível à dominação. Considerando esta ideia, refletimos como seria revisitar a história do período colonial brasileiro pelas lentes da história do corpo e da linguagem?

A história da separação do corpo e da linguagem, neste sentido, imprime uma história das relações de dominação. Da mesma maneira, nas formas de rebelião dos corpos e das linguagens de que fala o autor, tem-se uma forma de acesso à realidade corpórea que é negada nas formas pré-fabricadas de corpo e de linguagem que se impõem na sociedade. Priori (1994) aponta justamente como o corpo é ausente na história, apesar das mudanças que vêm acontecendo neste sentido a alguns anos.

O corpo e a linguagem são território de investigação. A língua, para esses autores, está além da transmissão de informação, assim como o corpo é mais do que seu esqueleto.





Referências:

PRIORE, M. L. M. **A história do corpo e a Nova História: uma autópsia**. Revista USP, [S. l.], n. 23, p. 48-55, 1994. DOI: 10.11606 /issn. 2316-9036.v0i23p48-55. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26974>. Acesso em: 21 jan. 2021.

PAVIANI, N. M. S. **Neires Corpo, Linguagem e Educação**. Revista CECS v. 1 , n.1, p. 2011 . Disponível em : <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/docorpo/article/view/1301/926>. Acesso em: 21 jan. 2021.

LARROSA, Jorge, **Linguagem e educação depois de Babel**. p. 151 a 174 - Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

